

viver.

reportagem cultural

A cartografia das artes visuais no Rio Grande do Sul

Mapeamento vai identificar o perfil socioeconômico de agentes culturais do Estado, buscando criar novas e melhores políticas públicas para o setor

Priscila Pasko, especial para o JC

Um mapeamento serve para traçar contornos geográficos de uma região, ou reunir um conjunto de informações. Mapas comunicam. Indicam os caminhos que podem ser percorridos e o que será encontrado no percurso; eles guiam e auxiliam na localização, emprestam uma noção do espaço, indicam direções.

Ao encontro desta proposta, um mapeamento está sendo elaborado para as Artes Visuais do Rio Grande do Sul, com o intuito de rastrear, sobretudo, o perfil socioeconômico de agentes culturais - que não se restringem apenas aos artistas. A iniciativa é do Colegiado de Artes Visuais, uma das instâncias pactuantes e assessoras do Sistema Estadual de Cultura do Estado. O material coletado servirá para a instrução de políticas públicas culturais, que devem se apoiar nestes dados e nas estatísticas produzidas. Interessa saber nesta investi-

gação quem são os produtores das artes visuais, quantos são, qual o seu perfil ou ainda onde atuam.

A proposta do mapeamento conta com uma previsão legal, a qual determina que um dos instrumentos de gestão seja composto por sistemas de informação, mapeamento e banco de dados. O colegiado pretende, no decorrer do tempo, destacar a importância de pesquisas sobre o campo das artes visuais no Rio Grande do Sul, sobre as instituições públicas e privadas e sobre a natureza das cadeias produtivas do segmento.

Coordenador do Colegiado Setorial de Artes Visuais, Guilherme Mautone diz que o mapeamento não é um capricho da classe, mas uma política pública. “Agora surgiu um momento peculiar para a gente, pois nos interessa mapear o que aconteceu durante o período pandêmico e como os agentes culturais e as artes visuais estão agora.” A pesquisa pretende contemplar o período

entre 2020 e 2023.

O papel do mapeamento como instrução de políticas públicas é o de desempenhar uma análise fidedigna das condições sociais, culturais e artísticas. Para Mautone, que também é Doutor em Filosofia (Ufrgs), pesquisador e crítico de arte, é importante saber como o Rio Grande do Sul está organizando as práticas culturais, qual é a situação dos artistas, curadores, críticos, montadores, arte-mediadores, arte-educadores, entre outros agentes.

Falar em uma tradição de coleta de indicadores culturais no Brasil talvez ainda não seja o mais adequado. O professor de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), com atuação no núcleo de Economia da Cultura, Stefano Florissi, diz que apenas recentemente a cultura e a criatividade começaram a ser levadas “realmente a sério na economia, particularmente em nosso País.” Mas o cenário está mudando.

Segundo Florissi, somente através de dados é possível embasar políticas culturais, tanto no sentido estratégico - de atingir os pontos que mais demandam ação - como no caso do dinheiro público, ao contar com boas justificativas de uso de recursos escassos de maneira específica.

Outro fator importante é acrescentado pelo professor. “Da mesma maneira que uma pessoa precisa se conhecer para se apreciar e se aprimorar, o setor cultural precisa conhecer a si mesmo, para perceber a sua importância, desenvolver amor-próprio e perceber sua relevância econômica e social”. Para ele, estes estudos colaboram da mesma forma para que os agentes culturais se sintam parte de uma construção de sociedade para além do abstrato, de uma forma concreta e que só os indicadores podem mostrar. Trata-se de um exercício que desenvolve a autoestima e intensifica o próprio processo de criação quantitativo e qualitativo da cultura, acrescenta Florissi.

Construindo caminhos

Wagner Mello é artista - com produção voltada para desenho, colagem e pesquisa em fotografia a partir dos acervos de família - e educador social. Tem 43 anos, nasceu e mora em Porto Alegre. É artista “em tempo integral”, e atua em diversos projetos. Ele vem participando de exposições em espaços institucionais, como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), o

Centro de Cultura Ordovás, o Cité Internationale Des Arts, além de integrar a coleção pública do Margs.

Desde 2019, Mello compartilha um ateliê com a artista Mitti Mendonça. Em 2021 os dois abriram o Figa de Guiné, um espaço autônomo de arte voltado não apenas as suas respectivas produções individuais, mas que também dialoga com outros artistas. O lugar também oferece cursos e ofici-

nas e comercialização de obras de arte dos dois e as de parceiros.

O artista diz ter se inscrito em muitos editais e de nunca obter alcance (“infelizmente, os entraves foram sempre maiores que as possibilidades de acesso”). Com o tempo, Mello percebeu que precisava entender sobre projetos e, desde um período anterior à pandemia, tem procurado saber sobre processos burocráticos e necessários

para a viabilização dos mesmos. “É importantíssimo que esse mapeamento (das artes visuais no RS) possa abranger a pluralidade da produção artística do Estado, para que as políticas de incentivo que venham a ser criadas possam, de fato, dar conta de uma produção que extrapola a academia, mas que coexiste e amplia o diálogo.”

Leia mais na página central